

O CHOQUE CULTURAL ENTRE O DETERMINISMO BANGLADESHIANO E O RACIONALISMO EUROPEU EM *BRICK LANE*, DE MONICA ALI

THE CULTURAL CLASH BETWEEN EUROPEAN RATIONALISM DETERMINISM BANGLADESH AND IN *BRICK LANE*, BY MONICA ALI

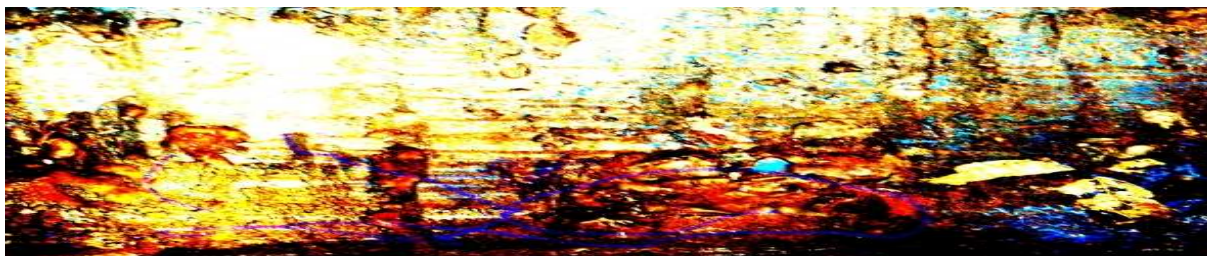
Nelci Alves Coelho Silvestre¹

RESUMO: Analisa-se o choque cultural entre o racionalismo, típico da cultura europeia e o determinismo (que se reduz à impotência) da pessoa oriental, no romance *Brick Lane* (2003), de Monica Ali. Trata-se de um romance permeado por características que revelam a tradição cultural de Bangladesh em que os personagens são manipulados pelo destino. Por um lado, o determinismo inculcado na cultura oriental determina aquilo que os personagens acreditam ser suas escolhas. Por outro lado, o racionalismo europeu transforma estes personagens, de modo especial, os femininos. Nazneen, uma jovem bangladeshiana de 18 anos, criada sob os moldes patriarcais, é um exemplo do determinismo no romance. Seu passado, sua educação e sua situação social em sua terra natal determinam sua vida. Assim, num primeiro momento, apresenta-se como submissa, não conseguindo desvencilhar-se da herança patriarcal e da crença no destino, heranças de sua cultura. O objetivo desta comunicação é verificar de que maneira o determinismo e a superação do destino são representados nesse romance, tendo em vista a diáspora, processo pelo qual os personagens oriundos do Oriente entram em contato com o Ocidente e, então, com o racionalismo. A metodologia de investigação baseia-se em textos teóricos que discutem o determinismo em oposição ao racionalismo. O rompimento com a tradição e a cultura, especialmente, a luta para superar o destino são instrumentos eficazes para concretizar o processo de subjetificação dos personagens femininos. Os resultados da pesquisa mostram que para se integrar à cultura europeia, os personagens escolhidos para essa análise devem abandonar o determinismo e assumir a própria história pessoal ou da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: determinismo; racionalismo europeu; superação do destino; *BRICK LANE*.

ABSTRACT: This article analyzes the cultural clash between the rationalism, typical from european culture and the determinism (which is reduced to impotence) by Bangladeshi people, in the novel *Brick Lane* (2003), by Monica Ali. This is a novel pervaded by characteristics that reveal Bangladesh cultural tradition in which the characters are manipulated by destiny. On the one hand, the determinism instilled in Eastern culture determines what the characters believe to be their choices. On the other hand, the European rationalism turn these characters, especially the female ones. Nazneen, a Bangladeshi woman in her 18 years, educated under the patriarchal mold is an example of determinism in the novel. Her background, her education and social situation in her homeland determine her life. Thus, at first she is presented as a submissive person, unable to extricate herself from patriarchal heritage and the belief in faith, legacy of her culture. The purpose of this article is to verify how the determinism and the overcoming of faith are

¹ Mestre em Comunicação e Poéticas Visuais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Bauru – SP; Docente da Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: nelcisilvestre@bol.com.br



represented in this novel, observing the diaspora, process in which the characters from the East come into contact with the West and then with the rationalism. The research methodology consists in theoretical texts which discuss the determinism in opposition to racionalism. The break with tradition and culture, especially the struggle to overcome fate are effective tools for achieving the subjetification process of the female characters. Results show that to integrate into European culture, the characters chosen for this analysis must leave the determinism and build their personal history or community one.

Keywords: Determinism; European Rationalism; overcoming the destiny; *BRICK LANE*.

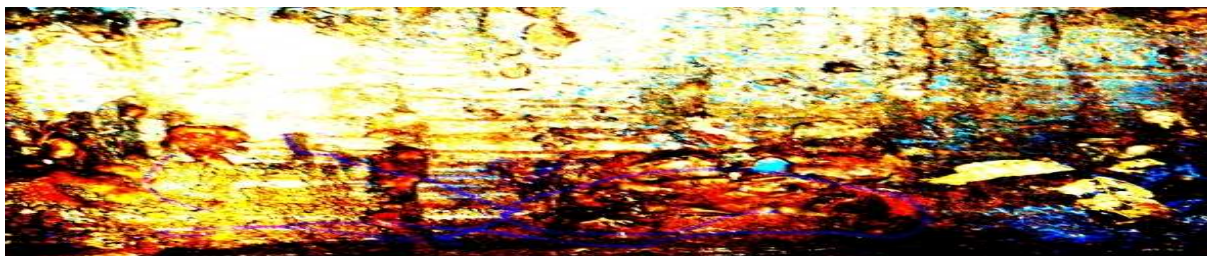
Introdução

A cultura compreende um “conjunto de sistemas simbólicos, de códigos que, de uma forma ou de outra, prescrevem ou limitam a conduta humana” (REIS, 1992, p. 66). Isto porque toda cultura é permeada por ideologias, que percorrem vários discursos, assegurando o domínio de certos grupos em detrimento de outros. As relações no seio das formações culturais envolvem mecanismos de cerceamento social. Os mecanismos de poder são engendrados pela linguagem, que articulada, perpassa ideologias que garante a dominação social. Historicamente, a noção de poder é revelada pela linguagem, pela cultura, pela literatura.

A respeito disso, há uma série de estudos que investigam as relações implícitas nos textos literários a partir de releituras. O pós-colonialismo, por exemplo, estuda a relação entre dominante e dominado, colonizador e colonizado durante e após a colonização, oferecendo uma nova abordagem de leitura.

A partir dessas considerações, o objetivo deste artigo é observar no romance *Brick Lane*, de Monica Ali, publicado em 2003, o choque cultural entre o racionalismo de causa e efeito da cultura europeia e o determinismo da pessoa oriental bangladeshiana. Observamos como os personagens oriundos do Terceiro Mundo foram educados no sistema determinista, bem como seu contato com o Ocidente pela diáspora. O enredo revela uma comunidade não-branca, oriunda de Bangladesh, que tenta manter sua identidade por meio do vestuário e de comidas típicas. Neste processo, notamos que sob o impacto da ocidentalização, as crenças dos bangladeshianos são minadas pelo racionalismo europeu. Os personagens analisados não aceitam seus destinos; desse modo, rejeitam o determinismo imposto pela sua cultura e assumem sua própria história.

A diáspora



Segundo Bonnici (2009), a diáspora constitui um movimento forçado ou voluntário de pessoas e povos de sua terra natal para outros locais. Trata-se de um fato fundamental do colonialismo, haja vista que o deslocamento é uma marca característica do processo de colonização. Spivak distingue duas possibilidades de diáspora: a) a pré-transnacional, responsável pelo deslocamento de milhões de escravos para trabalhar no novo mundo; b) a transnacional, que inclui os trabalhadores do *indentured labour* no século XIX e os deslocamentos contemporâneos (SPIVAK, 1996 *apud* BONNICI, 2009).

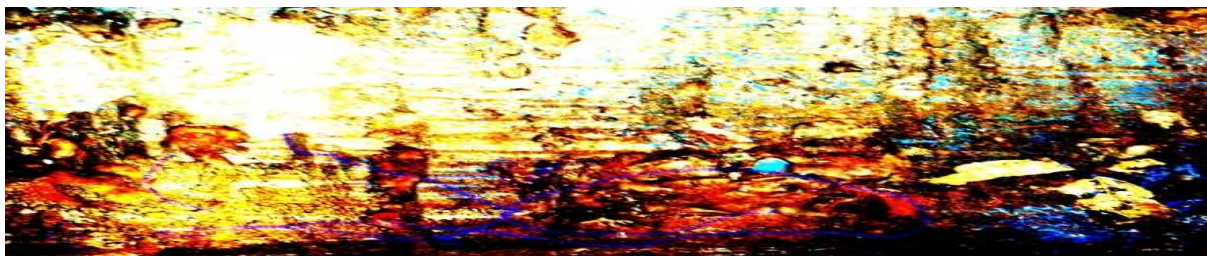
Em *Brick Lane*, os personagens oriundos de Bangladesh remetem à diáspora transnacional, pela qual deixaram sua terra natal e foram levados para Londres. Hall (2003) registra que o sujeito diaspórico jamais se desapega de suas origens e mantém, pela tradição, a cultura na qual nasceu. Permanece vivo um forte senso do que é a “terra de origem” e tenta-se preservar a identidade cultural. Essa característica é evidente no romance. O uso da língua nativa e a manutenção das tradições culturais de sua terra estão presentes na comunidade de *Tower Hamlets*. Preso às memórias e ao desejo de manter uma identidade cultural, o sujeito diaspórico é levado a reinventar a si mesmo pela linguagem e pelo mito, pela sensação de não estar em casa. A tradição é seu cordão umbilical. É ela que mantém a fidelidade às origens, sua autenticidade; confere significado à vida do sujeito em dispersão e dá sentido à sua história (HALL, 2003).

As tradições têm papel importante nas famílias de imigrantes: Nazneen, por exemplo, carrega toda cultura de crença no destino, casamento arranjado, submissão ao marido, trabalho doméstico, confinamento em casa, acatamento de decisões de outros, distância de homens, responsabilidade de educar filhas, na tradição do país de origem e na fé islâmica.

Porém, ao adentrar no mundo ocidental, ela rompe com a tradição e com a cultura em nome do racionalismo europeu.

O destino, o determinismo da cultura ocidental versus o racionalismo europeu

O termo ‘destino’ significa a predeterminação de eventos, sem nenhum controle pelos personagens; trata-se da futilidade de manipular eventos diante do destino implacável; é a regra, a lei e a tradição para os muçulmanos que foram educados neste sistema. Ele manipula a vida do indivíduo enquanto o livre arbítrio transforma a pessoa em sujeito, já que tem a possibilidade de escolha em função da própria vontade.



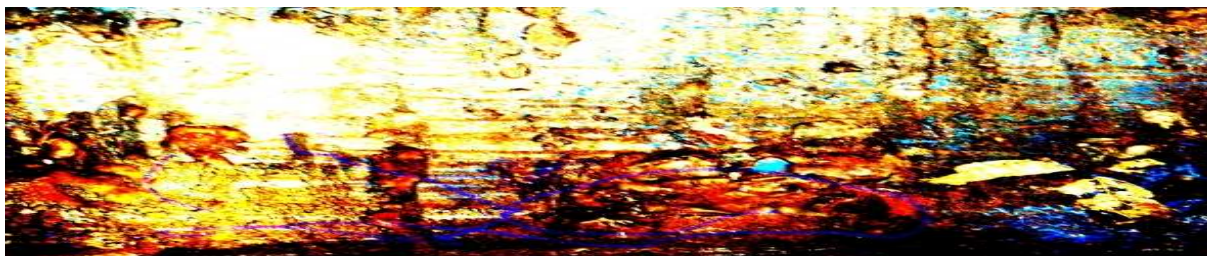
Os gregos e os romanos também acreditavam no destino e na inutilidade de determinar a história. No período da civilização micênica, o indivíduo era presa do destino (Moiras), que é fixo, imutável, e não pode ser alterado. Os gregos viviam, portanto, na dependência dos deuses e do destino, faltando a eles a noção de vontade pessoal, de liberdade, o que confirma o fato de que povos filosoficamente mais adiantados também respeitavam a MOIRA, o destino que tudo esmaga.

Em decorrência da crença no destino, os personagens muçulmanos apresentados no romance não possuem autonomia, pois acreditam que suas vidas estão determinadas. O determinismo é um sistema que subordina as ações humanas e as decisões da vontade a leis tão rigorosas que praticamente negam o livre-arbítrio. Para os deterministas, tudo o que existe tem uma causa, inclusive as decisões da vontade de poucos, havendo, portanto, diminuição da liberdade humana. Nesse sentido, todos os acontecimentos seriam regidos por leis implacáveis, externas a eles e sempre que determinadas circunstâncias se repetirem, se repetirão também os resultados. A fórmula determinista é, portanto, uma fórmula de previsão do futuro, para o qual, conhecendo todas as variáveis do presente será possível determinar sua resultante.

A noção de determinismo pode sustentar a ideia de que cada “raça” tem seu lugar marcado, devendo permanecer nesse lugar em que o acaso o colocou. No entanto, pela diáspora, os orientais entram em contato com os ocidentais e, então, com o racionalismo de causa e efeito.

O vocábulo racionalismo, derivado do latim *ratio*, razão, está ligada à noção ocidental no qual a realidade, o mundo natural e cultural, os seres humanos, suas ações e obras têm sentido e esse sentido pode ser conhecido. Em cada época, os membros da sociedade e da cultura ocidentais julgavam a validade da própria razão como capaz ou incapaz de realizar o ideal do conhecimento. A primeira maneira refere-se à coerência interna de um pensamento ou teoria. Percebemos que não há coerência e que o pensamento ou teoria não são racionais, quando não há compatibilidade entre a explicação e os princípios, os conceitos e os procedimentos oferecidos. A segunda maneira difere-se da anterior porque além de ser o critério para avaliar as circunstâncias em que vivemos, é também um instrumento crítico para compreendermos as circunstâncias em que vivemos, para mudá-las ou melhorá-las. É a razão humana que permite a escolha (o livre-arbítrio) do indivíduo. A razão é uma balança subjetiva que nos permite emitir juízos de valor tais como certo ou errado; benéfico ou prejudicial; bom ou ruim.

Japiassú (2005) define o racionalismo como a doutrina que “atribui à Razão humana a capacidade de conhecer e de estabelecer a verdade”. O Dicionário Básico de Filosofia (2006)



estabelece o Racionalismo como a “doutrina que privilegia a razão dentre todas as faculdades humanas, considerando-a como fundamento de todo conhecimento possível.” Para os racionalistas a atividade científica se traduz numa certa subordinação dos fatos, às leis ditadas pela nossa razão; trata-se da natureza se subordinar às leis que a razão lhe impõe.

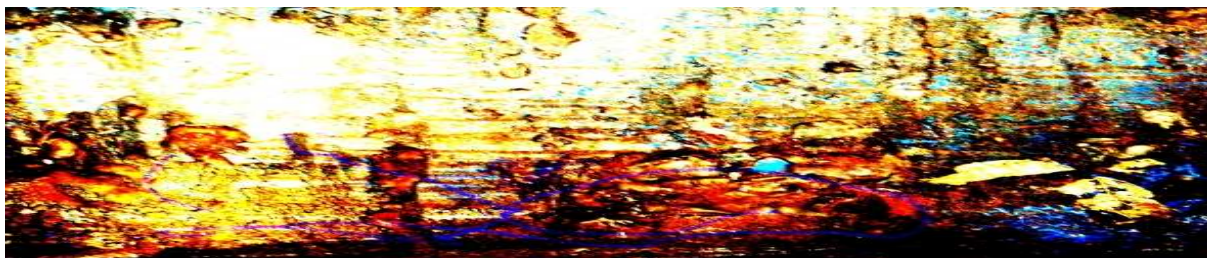
O racionalismo europeu do século XIX foi capaz de criar teorias antropológicas absurdas para justificar o domínio, a ocupação, a submissão, a exploração desavergonhada do continente africano e de outras localidades. Tudo porque a hegemonia branca europeia baseava-se nas prerrogativas do ser masculino branco norte-europeu, e essa imagem foi responsável por toda a repressão gerada contra os indivíduos de origem étnica não-europeias. Ou seja, a repressão é em si produto da própria cultura ocidental, resultado do caráter racional/monolítico que procuraram imprimir na humanidade, já que acreditavam ser uma raça superior.

Ademais a chegada dos bangladeshianos em busca de trabalho e melhores condições de vida na metrópole, representados por várias famílias orientais no romance, estabeleceu a condição de grupo marginalizado. A permanência desse grupo no país figurava uma ameaça à dominação branca. Para desmontar a imagem do Ocidente como império da razão, era preciso que os orientais se edificassem como sujeitos, revelando capacidade de mudança e autonomia para tomar o seu lugar.

***Brick Lane* em análise**

No romance *Brick Lane* (2003), o narrador em terceira pessoa retrata a trajetória de Nazneen desde o seu nascimento em 1967, seu casamento à moda oriental e sua mudança para Londres em 1985. O casamento de Nazneen e Chanu é totalmente tradicional, arranjado por Chanu e o pai da moça. O leitor não é informado sobre os detalhes do casamento ou da cerimônia em si. Apenas é mencionado que Nazneen aceita a escolha do pai com obediência. “Abba , estou contente que você tenha escolhido o meu marido. Espero que eu possa vir a ser uma boa esposa, como Amma” (ALI, 2004, p. 14).

Ela não faz perguntas sobre o futuro esposo, nem almeja ver a fotografia dele. Mas coincidentemente ela vê onde o pai deposita a foto de seu noivo e percebe que “o homem com quem ela iria se casar era velho. E tinha cara de sapo. Eles se casariam e ele a levaria para a Inglaterra (ALI, 2004, p. 14). Esse fato é importante porque ela sente o poder da tradição, por isso não desobedece nem resiste ao seu destino. O casamento para ela é como um furacão que a



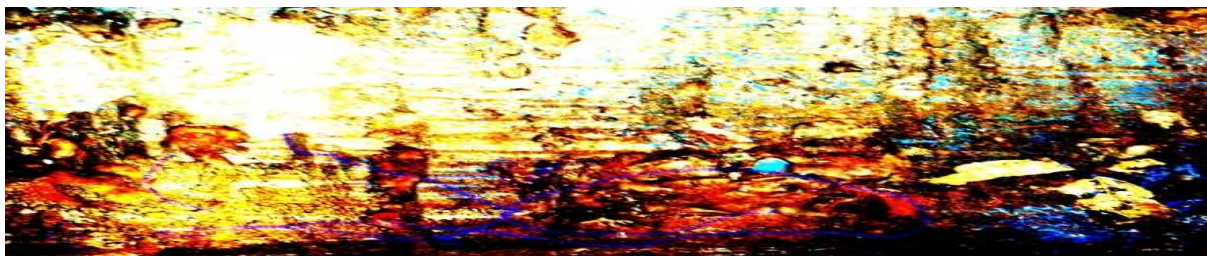
leva para longe e muda sua vida completamente. Por não ter certeza de como será sua vida no futuro, ela só consegue vislumbrar a incerteza de seu destino e a solidão da cabana. Nesse momento, ela percebe a diferença entre homens e mulheres: “Homens, fazendo o que podiam neste mundo” (ALI, 2004, p. 15). O gênero masculino está associado a relações de poder e força, herança do patriarcalismo, muito bem evidenciadas no pai da protagonista e no marido.

Nazneen vai para Londres com o marido para começar a vida que o pai tinha escolhido para ela. Sente-se infeliz e somente em seus sonhos consegue ir para onde gostaria de estar: na infância com sua irmã em Bangladesh. Mesmo assim, a tradição e pressão familiar levam-na a aceitar sua situação e permanecer obediente, desconsiderando seus desejos.

Durante muito tempo de sua vida Nazneen realiza o que sua cultura vê como a mulher ideal: ela é uma esposa obediente e leal ao esposo mais velho e educado que mantém uma casa na Inglaterra. Suas decisões são baseadas no jeito certo de fazer as coisas; guiados pelas leis e princípios de sua cultura. Porém, o sentimento de subalternidade incomoda Nazneen que presa à condição de mulher, mas incapaz de aceitar que é objeto do destino, luta para ser dona de sua própria história. Embora aceite o casamento arranjado e seja submissa ao marido por determinado tempo, mostra interesse em integrar-se ao modo de vida britânico, rompendo com a tradição empírica que se impõe pelo destino para assumir uma consciência mais racional. Esse desejo de rompimento ocorre porque ela é dona de uma mente irrequieta:

Mas havia uma coisa sem forma e sem nome que se arrastava pelo seu ombro e se aninhava em seus cabelos e envenenava os seus pulmões e a deixava ao mesmo tempo agitada e lânguida. O que você quer comigo?, ela perguntava. O que você quer?, a coisa respondia. Ela pedia a essa coisa que a deixasse em paz, mas ela não atendia. Ela fingia não escutar, mas a coisa falava mais alto. Ela negociava com a coisa. Nada de comer no meio da noite. Nada de sonhar com gelo e patins e lantejoulas. Nada de deixar de fazer as orações. Nada de fofocas. Nada de desrespeitar o marido. Ela oferecia tudo isso para a coisa deixá-la em paz. A coisa escutava calada, e depois enfiava-se ainda mais nos seus órgãos internos. (ALI, 2004, p.97).

De fato, a personagem tenta dissimular sua inquietação, mas não age em conformidade com os pressupostos deterministas presentes no início da narrativa. A vontade de se firmar como sujeito pensante e desempenhar um papel na sociedade assinalam a passagem do determinismo ao voluntarismo.



Nazneen se integra à metrópole, porém, é um sujeito fragmentado porque oscila entre o determinismo e o racionalismo europeu. Sua trajetória permeada por lembranças da mãe, da irmã, pela crença no destino e pela submissão ao pai e ao marido justifica a crise de uma mulher em via de emancipação. A mãe ensinara que “Se Deus quisesse que nós fizéssemos perguntas, ele nos teria feito homens”, mas ela descobrira que “o poder estava dentro dela, que ela o havia criado” (ALI, 2004, p. 76 e 285). A partir de então tenta ser dona de seu corpo, de seus desejos em detrimento a tudo que acreditava: o islamismo que condena o adultério, o casamento, a maternidade e a crença no destino que marcara sua vida desde o nascimento.

Sob essa ótica, é possível notar que o ambiente é determinante para Nazneen. A aquisição de aspectos mais liberais, os desapontamentos e as frustrações sofridos diante da ideologia patriarcal a que estava submetida “O papel dela era sentar e esperar” (ALI, 2004, p. 97). Enfim, vários fatores colaboram para o abandono do determinismo.

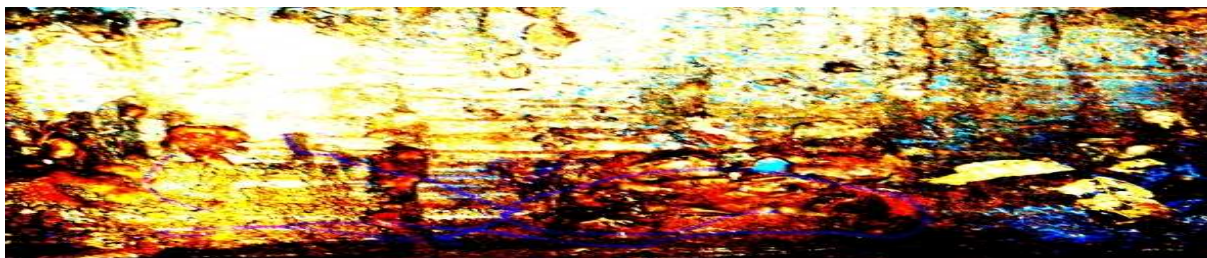
Quando seu primeiro filho, Raqib, adoece, Nazneen nem considera a hipótese de deixá-lo lutar contra o destino sem receber ajuda, como sua mãe fizera com ela. Ela e o marido levam-no imediatamente para o hospital e Nazneen até questiona a decisão da mãe dela de entregá-la ao destino.

No entanto, é surpreendida pela morte súbita de Raqib, pois acreditava ter vencido a morte do filho: “Raqib estava destinado a morrer, mas ela tinha afastado a Morte.” (ALI, 2004, p. 136). Tal confronto entre o destino que está traçado e o livre-arbítrio que a faz ponderar sobre o melhor para seu filho parece desmontar a imagem da razão.

A partir de então, Nazneen revela sua capacidade de mudança. Ela se relaciona sexualmente com Karim, e descobre seu poder, sua força, pois passa a olhar para si mesma com seus próprios olhos, caminhando rumo ao encontro de sua identidade:

Fora do quarto, ela ficava – em sobressalto – temerosa e audaciosa. Se alguma vez sua vida esteve fora de suas mãos, foi agora. Ela tinha se submetido ao pai e se casado com o marido; ela tinha se submetido ao marido. E agora ela se entregava a um poder maior do que eles dois, e se sentia impotente diante dele. Quando se infiltrou em seu cérebro a idéia de que o poder estava dentro dela, que ela o havia criado, ela a abandonou como sendo uma presunção. Como uma mulher tão fraca poderia liberar uma força tão grande? Ela se rendeu ao destino e não a si própria. (ALI, 2004, p. 285).

Com Karim, ela busca aplacar seus desejos e reconhece a ideia de poder que atua dentro dela. Todavia, sente-se impotente diante desse poder, rendendo-se mais uma vez à submissão,

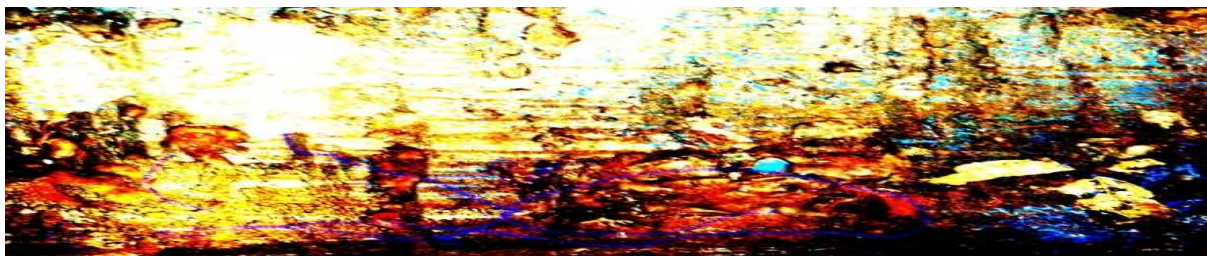


não conseguindo desvencilhar-se da herança patriarcal e da crença no destino, heranças de sua cultura.

No entanto, no momento em que Chanu expressa sua decisão de voltar para Dacca com a família, Nazneen toma o destino em suas mãos. “Ficar ou ir, vai depender de nós três” (ALI, 2004, p. 458). O compromisso que Nazneen assume ao final representa uma fusão de atitudes culturais que, paralelas à fusão de etnias e crenças religiosas constituem a identidade contemporânea de Nazneen e suas duas filhas. Com esse discurso, ela mostra a superação do destino, pois a partir do momento que ultrapassa obstáculos e rompe com a ideologia patriarcal, edifica-se como sujeito de sua própria história.

Razia, amiga de Nazneen, outra bangladeshiana, também está em dúvida sobre o desenvolvimento da consciência racional. Embora faça parte de uma cultura determinista e patriarcalista ela assimila os costumes ocidentais que interferem tanto na identidade individual quanto na coletiva, pois aproveita a oportunidade que o país anfitrião lhe oferece e apropria-se da língua do país colonizador; corta os cabelos, troca o sári por vestimentas ocidentais, começa a trabalhar como costureira e lentamente assimila a cultura europeia, o que representa ruptura com as tradições bangladeshianas. O fato de ter incorporado a nação que a acolheu por meio dos hábitos e costumes representa a razão humana. No entanto, a crença de que o casamento é uma maneira tradicional de assegurar o futuro das filhas que são criadas na dependência dos pais e dos maridos, ilustrada pela preocupação com a filha Shefali, evidencia que Razia não consegue assimilar a ideia ocidental de um casamento por amor. “Mas Shefali só fará um casamento por amor se passar por cima do meu cadáver” (ALI, 2004, p. 47). Mesmo apresentando sinais de mudança e ocidentalização, a partir de sua visão do casamento depreendemos que Razia se mantém arraigada à tradição. Sua convivência com o racionalismo europeu é benéfica porque permite o livre-arbítrio e, em decorrência, a capacidade de questionar e transformar as situações, entretanto, percebe-se que ela acaba abrindo mão de sua origem.

Conforme relatado anteriormente, o estilo de vida ocidental oferece liberdade para crescer como indivíduo, além de garantir a possibilidade de escolha que a cultura tradicional em Bangladesh não permite, especialmente no caso das mulheres. É o caso da senhora Azad, uma bangladeshiana que interage bem com o racionalismo europeu. “[...] Veja, quando estou em Bangladesh, eu visto um sári e cubro minha cabeça e tudo o mais. Mas aqui eu saio para trabalhar. Eu trabalho com moças brancas e sou simplesmente uma delas” (ALI, 2004, p. 108).



Notamos que Azad gosta da liberdade ocidental porque pode viver sua vida de acordo com seus próprios termos, enquanto a mulher bangladeshiana vive sob o sistema patriarcal e sob uma cultura determinista. Para a Senhora Azad, o conflito entre os valores ocidentais e orientais não é prejudicial porque oferece a oportunidade de determinar sua própria vida.

Por outro lado, o personagem Chanu relata que as escolas da Inglaterra ensinam apenas que Bangladesh é um país atrasado e castigado por desastres naturais.

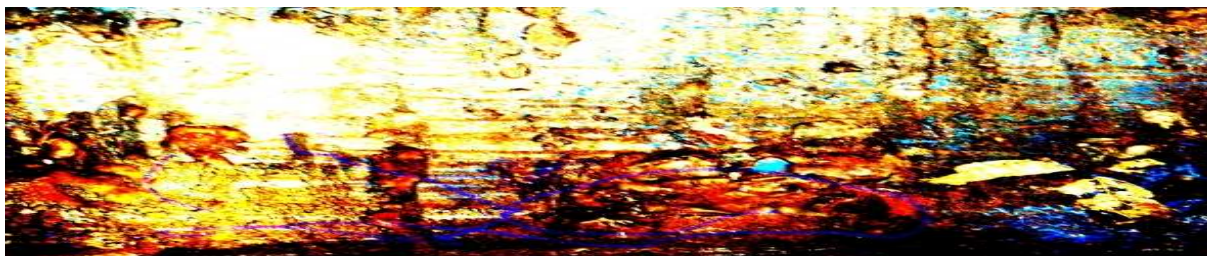
[...] todas estas pessoas aqui que nos olha, de cima como se fôssemos camponeses não entendem nada de história. [...] No século dezesseis, Bengala era chamado de Paraíso das Nações. Estas são as nossas raízes. Eles ensinam estas coisas nas escolas daqui? Shahana sabe a respeito do Paraíso das Nações? Ela só sabe de fome e enchentes. O maldito país não passa de um caso perdido para ela (ALI, 2004, p. 175)

Com efeito, o texto apresenta a visão dos ocidentais sobre Bangladesh. A cultura europeia imprimiu na humanidade a ideia de que é superior, inscrevendo as demais culturas como inferiores e atrasadas, submetendo os orientais à servidão.

Chanu veio para a Inglaterra em busca de melhores condições de vida, mas encontrou um país muito diferente da terra promissora, cheia de oportunidades que ele imaginava:

Quando vim para cá, eu era jovem. Tinha ambições. Grandes sonhos. Quando saltei do avião, eu tinha o meu diploma na mala e umas poucas libras no bolso. Achei que haveria um tapete vermelho estendido para mim. Eu ia entrar para o serviço público e me tornar secretário particular do primeiro-ministro. [...] Esse era o meu plano. E então vi que as coisas eram um pouco diferentes. As pessoas aqui não sabiam a diferença que havia entre mim, que havia saltado do avião com um diploma e os camponeses que fugiam dos navios trazendo apenas os piolhos que tinham na cabeça. [...] Eu fiz de tudo. O que conseguia arranjar. Muito trabalho pesado, de baixa remuneração. [...] E fiz duas promessas para mim mesmo. Vou ser bem sucedido custe o que custar. Esta é a promessa número um. Número dois, vou voltar para a minha terra. Quando for um sucesso. (ALI, 2004, p. 31-32).

Pelo discurso de Chanu, notamos que o personagem parece estar em constante conflito ideológico com a cultura e a sociedade britânica. À espera de uma promoção, uma atitude do chefe revela um racismo sutil incorporado ao sistema britânico. Ele não consegue a promoção e acredita que a 'raça' foi determinante no processo.



Meu marido diz que eles são racistas, principalmente o sr. Dalloway. Ele acha que vai conseguir a promoção, mas que vai levar mais tempo do que qualquer homem branco para consegui-la. Ele diz que se pintasse a pele de branco e rosa, aí não haveria problema. (ALI, 2004, p. 68).

A promoção não chega, denotando a posição marginal de Chanu em relação ao europeu. Um branco ocupa a posição almejada por Chanu, corroborando a suspeita de que a cor da pele influencia na escolha para o exercício do cargo. Sabe-se que Chanu está mais preparado para assumir tal posição, é um intelectual com muitos diplomas, todavia, por ser ‘negro’ é visto como inferior, submetendo-se a qualquer tipo de trabalho. Mesmo diante destes revezes, Chanu não percebe que o destino não é importante; o importante é a posição cultural radicada no Ocidente que o impede de progredir e receber promoções.

Os esforços de Chanu para ser aceito na sociedade londrina, onde o que importa é a cor da pele dos indivíduos, reforça a centralidade da raça branca. O racionalismo parece justificar a ideia de que as outras raças são pouco dotadas de inteligência, portanto são destinadas a exercer profissões menos valorizadas, evidenciando a condição de negro dos sujeitos diaspóricos.

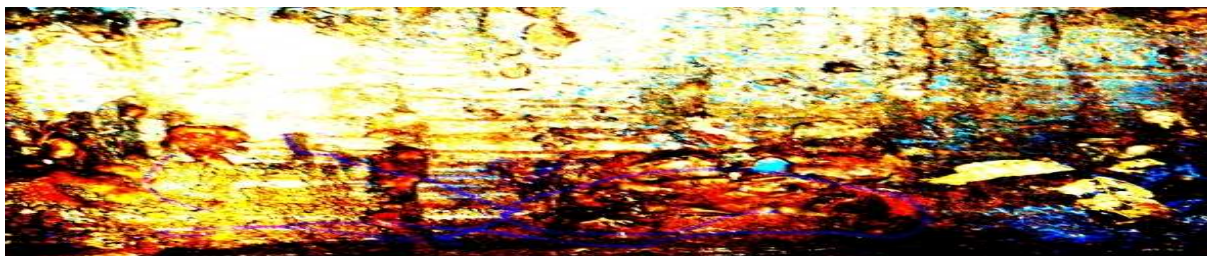
Razia vê-se em situação semelhante, é inferiorizada, por causa de sua etnia e proveniência colonial:

Eles dizem que estão fechando a fábrica por questões de higiene e segurança, mas todo mundo acha que o motivo é outro. As pessoas que foram lá eram da Imigração. Mas eu tenho o meu passaporte. Eu disse que ia levar o meu passaporte, mas eles não quiseram saber (ALI, 2004, p. 217).

De fato, sua cor e não o destino é o principal motivo pelo qual ela é rechaçada pelos ingleses. Não importa o documento que lhe confere a cidadania, fica evidente que o fechamento da fábrica traduz a atitude dos britânicos que preferiam ignorar o ‘negro’, por meio das mais variadas estratégias a fim de mostrar ao negro a condição de não-pertença à Inglaterra. Tal fato corrobora a noção de determinismo que sustenta a ideia de que cada qual tem seu lugar marcado.

A narrativa mostra que a hegemonia ocidental força a inevitável alternativa para os imigrantes, ou seja, o retorno à pátria (tradições) ou a supressão de toda e qualquer expressão diferenciadora (racionalismo europeu), já que reafirma a superioridade propagada pelo poder do branco europeu.

Considerações Finais



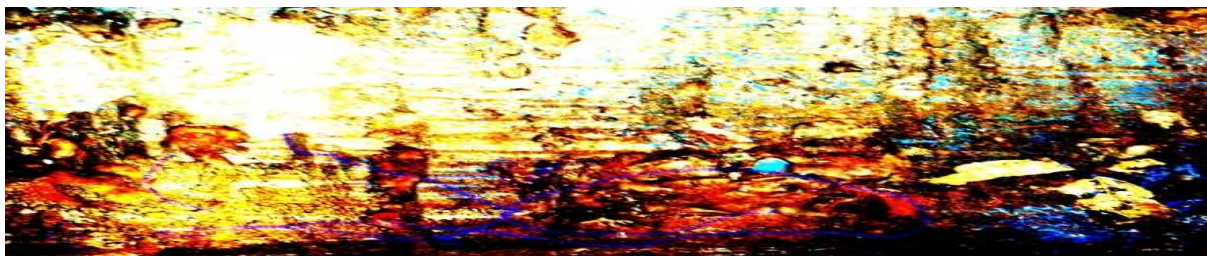
A partir do exposto, concluímos que o romance *Brick Lane* apresenta indivíduos diaspóricos, oriundos da ex-colônia do sudeste asiático, na Inglaterra, onde entram em contato com o racionalismo europeu. Alguns personagens carregam a cultura bangladeshiana enraizada em suas atitudes, seu comportamento. Deterministas sentem-se impotentes diante da cultura ocidental. Outros conseguem interagir e negociar com a sociedade “homogênea” branca caracterizada por sua hostilidade diante da ocupação “ilegal” de seus limites, no afã de construir sua própria história.

O romance revela também que a cultura é um fator dinâmico que evolui e se transforma diante do choque cultural entre o racionalismo europeu e o determinismo oriental. Nazneen, nascida sobre o signo do destino, totalmente submissa à tradição bangladeshiana, no decorrer da narrativa transforma-se em uma nova mulher, mais consciente e independente, transgredindo as fronteiras impostas pelo gênero e pela sua cultura ancestral. Abre-se a um relacionamento com Karim e a uma vida ocidentalizada, abandona o determinismo e assume sua própria vida.

Por outro lado, Chanu se mostra fechado à cultura ocidental, mas inicialmente disposto a negociar um lugar ao sol. Todavia, as diferentes experiências vivenciadas por ele ao longo da narrativa mudam sua percepção da sociedade britânica. Como não conseguia encontrar o seu lugar naquela sociedade em processo de transformação, ele decide voltar para Bangladesh. De fato, a comunidade bangladeshiana descrita no romance convive com os ingleses, mas é outremizada por eles. Chanu, culto e estudado, não consegue elevar-se acima do nível de subsistência, fazendo com que o racionalismo europeu que o coloca numa posição de inferioridade fosse a verdadeira causa de seu regresso.

Todavia, as Senhoras Azad, Razia e Nazneen optam por permanecer em Londres, ambiente caracterizado como hegemonicamente branco, hostil e racista. Elas mostram-se dispostas a recuperar sua subjetividade numa sociedade ocidental, e traçam seus próprios caminhos. O sistema de valores e a identidade cultural das personagens sofrem mutações e está em contínuo processo de evolução. A resistência à fixidez cultural se manifesta pela idiosincrasia do modo de se vestir, mas principalmente pela superação do destino e pela opção de decidir sobre sua vida.

Em *Brick Lane*, Chanu não consegue enfrentar os obstáculos para enquadrar-se ao sistema racionalista visto que é arraigado à imobilidade cultural e rechaça o processo de



negociação cultural e abertura ao Ocidente. Já as mulheres citadas acima, superam enormes obstáculos culturais, sentem-se mais abertas às mudanças e, apesar do ambiente racista e fechado ao outro, conseguem se subjetificar e mostrar-se donas de sua história.

É possível constatar que Nazneen, Azad e Razia lutam contra a ideia de que o destino rege suas vidas. Tais personagens ilustram o pensamento de que a ideologia direciona suas vidas. O caminho trilhado por elas permite perceber que é a ideologia do homem ou da mulher que determina o destino dele ou dela. Se elas estão ou não conscientes disso, não se sabe. O fato é que a existência delas segue o ciclo contínuo no qual suas vidas são determinadas pelas suas ações, pelas suas escolhas e pelas suas ideologias. Como precisam tomar decisões, as mulheres estabelecem em que direção seus caminhos as levarão no futuro e quais escolhas estarão disponíveis para elas.

Como todas são oriundas de uma sociedade patriarcal, tentam libertar-se completamente do sistema determinista e opressor que a cultura oriental impõe, resgatando sua identidade. Para tanto, abandonam seus costumes ancestrais e assimilam gradativamente a cultura europeia e, conseqüentemente, o racionalismo. O rompimento com a tradição e a cultura demonstra que esses personagens lutam para assumir sua própria história. A rejeição do passado e a assimilação dos novos valores da cultura ocidental são bastante evidentes na narrativa. À medida que Nazneen, Razia e Azad crescem em subjetividade, perdem sua identidade cultural. Embora zelosas pela cultura islâmica (Nazneen, pelo vestuário; Razia, pela crença no casamento oriental e a Senhora Azad, pela manutenção do casamento em crise), todas transgridem as fronteiras impostas pelo gênero e pelo determinismo da cultura oriental para abrir-se a uma vida ocidentalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, Monica. *Um lugar chamado Brick Lane*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- ALI, Monica. *Brick Lane*. New York: Scribner International, 2003.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo, Moderna, 2003.
- BHABHA, H. K. A Questão do 'Outro': diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pós-Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e Crítica Literária Feministas: Conceitos e Tendências*. Maringá: Eduem, 2007.



- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica pós-colonialistas*. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.
- BONNICI, Thomas et al. *Resistência e Intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- GILROY, Paul. *After empire: melancholia or convivial culture?* London: Routledge, 2006.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- JAPIASSU, Hilton. O Racionalismo Cartesiano in: REZENDE, Antonio. *Curso de Filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- JAPIASSU, Hilton. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.
- REIS, Michele. Theorizing Diaspora: Perspectives on “Classical” and “Contemporary” Diaspora. *International Migration*, Oxford, Main Street Malden, v. 42 (2). Blackwell, p.41-54, 2004.
- SAID, Edward W. *Orientalismo o Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SPIVAK, G. C. Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. In *In Other Worlds*. New York: Methuen, 1987, (p. 215-219).